

Não estamos a corrigir um sistema nosso

A PRESENTE OFENSIVA É CONTRA O SISTEMA DEIXADO PELO
COLONIALISMO

-presidente Samora Machel, na Conferência de Imprensa concedida à Informação internacional

"A ofensiva iniciada na República Popular de Moçambique é uma parte da luta contra o sistema deixado pelo colonialismo"- disse o Presidente Samora Machel durante a conferência de Imprensa concedida ontem em Maputo, tendo prosseguido:

«É a continuação da luta armada de libertação nacional. Então, era a luta contra o colonialismo fisicamente instalado em Moçambique — ao nível económico, político, cultural, administrativo e das mentalidades

«A nossa ofensiva não é para corrigir um sistema nosso, para corrigir o sistema que escolhemos como via para o nosso desenvolvimento. Não está em contradição com a nossa política. A nossa ofensiva é contra a estrutura deixada pelo colonialismo — contra as ideias, a mentalidade e os métodos de trabalho».

Mais adiante, o Presidente Samora Machel disse:

«Em fevereiro de 1976, nós declaramos guerra ao Aparelho do Estado colonial. Primeiro, estruturámos o Partido, o que significa a consolidação da nossa política ao nível popular, e elegemos as Assembleias do Povo, que representam o exercício do poder pelo Povo. O Povo não precisa da burocracia. O Povo realiza, e a sua teoria é a síntese da prática.

«O que estamos a fazer agora é combater o burocratismo, a negligência, o individualismo, a arrogância, o liberalismo. Repito:

Não estamos a corrigir o nosso sistema. Estamos, sim, a destruir o sistema deixado pelo colonialismo em Moçambique, para instalarmos não só um novo método de trabalho como uma nova concepção do que é o Aparelho de

Estado. A burocracia impede a participação popular — por isso a combatemos».

SÓ HÁ UM MARXISMO

Uma jornalista da Televisão dinamarquesa perguntou como se caracterizará a via original moçambicana para o socialismo.

«Não podemos falar de originalidade» — respondeu o Presidente Samora Machel. — «Só há um marxismo. É uma ciência. Não há marxismo africano, latino-americano ou asiático. Há um único marxismo, e quando falamos de marxismo falamos de uma teoria que deve ser aplicada às condições específicas de cada região, de cada país». O Presidente Samora Machel prosseguiu:

«O marxismo, no nosso país, é o produto da guerra de libertação nacional. Não proclamámos o marxismo depois da independência. A guerra, no seu processo de desenvolvimento, transformou-se numa guerra popular revolucionária. E foi ela que permitiu que a Frente de Libertação de Moçambique se transformasse num Partido marxista-leninista».

«Alguns pensam que a política socialista de Moçambique é produto de um pequeno grupo. Queremos dizer que não é assim. O grupo faz a síntese das aspirações, a síntese da prática. Não foi um pequeno grupo que fez a guerra popular em Moçambique. Foi todo o Povo».

Noutro ponto da sua resposta, o Presi-

dente Samora Machel salientou que as condições para a construção do socialismo em Moçambique são favoráveis. No entanto, em muitos países europeus não se acredita que seja possível construir o socialismo em Moçambique. Porquê?

«Porque construir o socialismo exige inteligência, e eles acham que os pretos não são inteligentes. Não acham possível, porque o africano acredita nas forças sobrenaturais, acredita na superstição. Então perguntam: Como é possível construir o socialismo em Moçambique? E dizem que construir o socialismo seria, para os moçambicanos, destruir a sua personalidade, adoptar uma teoria estrangeira» — disse o Presidente Samora, acrescentando:

«Mas o marxismo não é uma teoria estrangeira, é o desenvolvimento da ciência em benefício das classes desfavorecidas, enquanto que a filosofia capitalista visa beneficiar um punhado. Por isso o Povo identifica-se com a nossa filosofia, com a nossa política. A nossa política resulta da prática, do conhecimento profundo que temos do nosso Povo. Sabemos o que o nosso Povo quer. Não quer o capitalismo, não quer ser explorado, não quer ser discriminado. Quer a paz, quer o bem-estar.

O ESTADO E A ACTIVIDADE PRIVADA

Um jornalista brasileiro colocou a seguinte questão: Será que o papel atribuído à actividade privada representa uma revisão da teoria marxista por parte da FRELIMO? O Presidente Samora Machel respondeu:

«O fundamento essencial do marxismo-leninismo é a resolução dos problemas de um país, de um Povo — é aí onde se aplica o marxismo. Fazer a análise desses problemas e como resolvê-los. O segundo aspecto é o internacionalismo. A teoria marxista dedica a sua maior parte ao desenvolvimento económico, ao progresso e à paz. A luta contra a exploração do homem pelo homem, à luta pelo estabelecimento do poder popular.

«No nosso país, estamos agudizando a luta de classes para liquidar a exploração. O marxismo define o princípio de «a cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas capacidades». O marxismo não promove preguiçosos, não produz parasitas. O que estamos a fazer é seguir as directrizes traçadas pelo III Congresso da FRELIMO, estamos a materializá-las».

«O marxismo não diz que o Estado deve ocupar-se de vender agulhas e alfinetes, ovos e couves no mercado. O papel do Estado é ocupar-se dos grandes projectos, da direcção da economia».

O PARTIDO DIRIGE A OFENSIVA

O correspondente em Maputo da agência ADN, da República Democrática Alemã, perguntou: De que forma está o Partido FRELIMO a dirigir a presente Ofensiva Política e Organizacional?

O Presidente Samora Machel respondeu:

«O Partido dirige o Estado e a Sociedade. O comício do dia 18 foi convocado pelo Partido, para explicar à população que o Governo estava a cometer desvios às suas orientações. O Partido dirige e controla de perto a actividade do Governo, acompanha-a passo a passo.

«A seguir ao comício, reuniu-se o Comité Político Permanente para tomar medidas, e tomou-as. O Comité Político Permanente estudou também as formas de implementar as medidas anunciadas para transmitir ao Governo orientações nesse sentido».

OS GRANDES PROJECTOS PORÃO TERMO ÀS BICHAS

A uma pergunta sobre as bichas que ainda se encontram nas nossas cidades, o Presidente Samora Machel respondeu:

«As bichas não podem continuar por muito tempo. O nosso país é rico do ponto de vista agrícola e dos recursos minerais. O que é necessário é definir e organizar os grandes projectos que permitam utilizar a mão-de-obra que nós temos e que neste momento vai para a África do Sul trabalhar nas minas de ferro ou de carvão. Encontrámos lá moçambicanos na siderurgia, nas grandes fábricas de artigos electrodomésticos, na indústria de construção. Os homens estão lá e as mulheres estão cá — são elas que estão na bicha.

«Frutos e outros produtos agrícolas são produzidos por moçambicanos na África do Sul, e nós aqui somos obrigados a importá-los. Quando toda esta mão-de-obra ficar a trabalhar em Moçambique, não haverá mais bichas. Pensamos que os grandes projectos, especialmente os agrícolas, resolverão o problema das bichas.

«Até aqui, a nossa preocupação é resolver os problemas de fundo: criar uma unidade

nacional sólida, destruir o tribalismo e o racismo, a discriminação racial, que atrasaram o nosso País. A preocupação do nosso Partido e do nosso Governo é o bem-estar social, é criar postos de trabalho para todos. Não pensamos resolver problemas económicos através de slogans ou de comícios».

UMA REVOLUÇÃO CULTURAL?

Um jornalista português colocou a questão se a presente ofensiva política e organizacional no nosso País se podia considerar uma revolução cultural. O Presidente Samora Machel respondeu:

«Não é uma revolução cultural. Para fazer a revolução cultural, não é preciso desencadear uma campanha. A revolução cultural é um processo integrado, geral, global». Prosseguiu:

«Fomos muito claros. O Aparelho de Estado está infiltrado. Estando infiltrado, deturpa todas as orientações que o Partido traça. Estando infiltrado, serve os interesses dos nossos inimigos, não serve os interesses do Povo.

«O nosso Aparelho de Estado está corrompido, está a transformar-se num refúgio de inúteis. Está doente, precisa de tratamento. Precisa de oxigénio. Esta campanha significa purificação, valorização daqueles que têm qualidades para servirem no Aparelho de Estado. Significa disciplinar o Aparelho de Estado para ele ser o instrumento fundamental da direcção da economia nacional».

O PAPEL DE MOÇAMBIQUE NA LIBERTAÇÃO DO ZIMBABWE

Uma jornalista da «Afrique-Asie» pediu ao Presidente Samora Machel que falasse do papel desempenhado por Moçambique na libertação do Zimbabwe. O Presidente da R. P. M. disse a este propósito:

«O nosso papel foi ser a base para a luta no Zimbabwe. Foi um papel importante mas não decisivo. Papel decisivo desempenharam as forças combatentes do Zimbabwe. A força decisiva foi o Povo do Zimbabwe. E, a seguir, a solidariedade internacional, o apoio internacional.

«Moçambique simplesmente cumpriu o seu dever internacionalista, que era fazer da luta do Zimbabwe a luta de Moçambique. Moçambique foi a base, aplicou as sanções decretadas pela comunidade internacional, participou

em todas as cimeiras de chefes de Estado da Linha da Frente na procura da solução, participou na conferência de Lancaster House, assistiu ao processo eleitoral. Foi este o nosso papel».

APOIAMOS O AFGANISTÃO

Na parte da conferência de imprensa dedicada a questões internacionais, um jornalista português perguntou se a posição assumida pela República Popular de Moçambique relativamente ao Afeganistão não representava um desvio em relação à nossa política de não-alinhamento.

O Presidente Samora Machel respondeu que, ao tomar aquela posição nas Nações Unidas, agimos de acordo com os nossos princípios. Da mesma forma que apoiámos quando Angola pediu apoio exterior contra a invasão sul-africana, apoiámos agora quando o Afeganistão pediu o apoio soviético e este lhe foi dado.

«Apoiámos o Afeganistão e não a União Soviética» — salientou o Presidente Samora Machel, perguntando por sua vez:

«Por que se fala tanto do Afeganistão e não se fala, por exemplo, das intervenções armadas francesas em vários países africanos?»

O FUTURO DA LINHA DA FRENTE

No próximo dia 1 de Abril os países da Linha da Frente estarão reunidos em Lusaka para discutirem o seu futuro — anunciou o Presidente Samora Machel em resposta à pergunta do correspondente em Maputo dos «Cadernos do Terceiro Mundo» sobre qual seria o futuro da Linha da Frente, agora que terminou a guerra no Zimbabwe.

O Presidente Samora Machel acrescentou que, do apoio à luta armada, a Linha da Frente passará ao combate económico, pois o seu objectivo final foi sempre a libertação económica.

Revelou também que no encontro de Lusaka deverão participar, além dos cinco países da Linha da Frente, o Lesoto, a Suazilândia e o Malawi.

A QUESTÃO SUL-AFRICANA

— Tendo em vista o papel desempenhado por Moçambique no Zimbabwe, irá a R. P. M. desempenhar o mesmo papel em relação à África do Sul? — foi a questão colocada por um jornalista sul-africano, tendo o Presidente Samora respondido:

«Os problemas da África do Sul são problemas internos, contradições internas, do próprio sistema. Nós reconhecemos a África do Sul como um país independente, mas condenamos a sua política de «apartheid». Todo o mundo a condena.

«A luta de libertação não pode ser conduzida de fora. A História mostra isso. A China libertou-se e não foram preciso reforços de fora. A Rússia teve uma luta interna e transformou-se na União Soviética. Não foi preciso uma força exterior. Hoje, assistimos às contradições na África do Sul, onde uma minoria oprime a grande maioria da população...».

Renascemos mais fortes agora que a guerra terminou

«Quando aplicámos as sanções à Rodésia, alguns disseram que seriam o colapso para Moçambique. Mas estamos mais fortes agora. Renascemos mais fortes agora que a guerra terminou» — disse o Presidente Samora Machel, em resposta à pergunta de um jornalista, durante a conferência de Imprensa ontem concedida em Maputo.

O dirigente máximo moçambicano frisou que houve estagnação na nossa economia, durante estes quatro anos, mas que, em contrapartida, se consolidaram importantes conquistas políticas.

«Consolidámos a unidade nacional e destruímos o racismo. Isto constitui uma base para avançarmos» — acrescentou o Presidente Samora Machel, salientando que, neste momento, o combate fundamental é o combate económico, a luta contra o subdesenvolvimento. «Isto exige a liquidação da fome, da nudez, da ignorância, do analfabetismo, do obscurantismo».

O Presidente Samora Machel respondia à pergunta formulada pelo representante em Maputo da agência soviética TASS, sobre os futuros passos a dar pela República Popular de Moçambique na sequência dos grandes avanços já registados desde a Independência. O nosso dirigente máximo disse também que, nesta nova fase, desenvolvemos as nossas relações com outros povos mais avançados, «num pé de igualdade, de igual para igual», como frisou.

(De: "Noticias", Maputo, 1980-03-23)